

## NINA RODRIGUES E A PSICOLOGIA DAS MULTIDÕES

FILIPE PINTO MONTEIRO \*

### INTRODUÇÃO

Médico, legista e literato, Raymundo Nina Rodrigues tornou-se conhecido nos círculos científicos brasileiros por seus trabalhos mais notórios como *Os africanos no Brasil*, *Os mestiços brasileiros*, *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil* e *O animismo fetichista dos negros baianos*. Sua produção intelectual massiva, concentrada em duas décadas de atividade (1885-1905), entretanto, sugere que o médico maranhense investiu em distintas áreas do conhecimento, tornando-se, assim, “patrono” de tantas “escolas” quanto desejavam seus féis e empolgados seguidores.

Nina, talvez se possa afirmar, é o melhor exemplo do “intelectual polivalente”, espécie típica que, segundo Mariza Corrêa, sobreviveu até os anos 1930, movendo-se entre as fronteiras ainda maleáveis de indistintas áreas de atividade intelectual na virada do século XIX para o XX. (CORRÊA, 1998: 17) A precocidade dos estudos de autoria do médico maranhense relacionados ao campo da *psicologia das multidões* no Brasil é evidência que corrobora esta hipótese. Algo raramente reconhecido, esse aspecto foi apontado, pela primeira vez por Arthur Ramos no prefácio do livro *As coletividades anormais*, coletânea de textos de Nina Rodrigues, reunida pelo primeiro em 1939:

*Nina Rodrigues, já apontado como o iniciador dos estudos de etnografia e psicologia social do negro, no Brasil, já conhecido como estudioso de nossos problemas de raça e de cultura, aclamado como uma das autoridades em criminologia e ciência penal.... talvez não fosse lembrado, pela nossa pobre ciência nacional, tão esquecida dos precursores, como um dos pioneiros do movimento da psicologia coletiva.*

*No entanto o seu nome fora apontado pelos estudiosos europeus, como um dos fundadores da psicologia das multidões, um dos criadores da psicologia gregária, normal e patológica, ao lado dos Rossi, dos Sighele, dos Tarde, dos Le Bon, dos A. Marie... Na história das epidemias religiosas, o*

---

\* Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. Mestre pelo Programa de Pós-graduação em História Social da UFRJ.

*seu nome é citação obrigatória, pois foi ele um dos primeiros a realizar observações e comentários científicos sobre fenômenos brasileiros de psicopatologia gregária, trazendo assim contribuições fundamentais à nova ciência em elaboração pelos teóricos europeus (Ramos, 2006: 10).*

Por incrível que pareça, de lá pra cá, pouca coisa mudou no sentido de um reconhecimento dessa primazia de Nina como um dos fundadores da também chamada *loucura das massas* no Brasil. Os mais recentes estudos sobre seus escritos permanecem focados na sua valiosa contribuição para a etnografia das religiosidades afro-brasileiras e para os estudos antropológico-criminais e médico-legais. Corrêa, em uma resenha bibliográfica de 2006, intitulada *O livros esquecidos de Nina Rodrigues*, denuncia tenazmente o que ela classifica de “um escândalo epistemológico de grandes proporções na história das ciências sociais no Brasil”. Ela refere-se ao quase completo desconhecimento de alguns textos de Nina, entre artigos publicados apenas em francês e outros tantos esquecidos nas gazetas e folhetins médicos, além de importantes livros, que há muito não recebem novas e atualizadas edições, nem mesmo reimpressões. Entre eles *As colectividades anormais*, um dos mais significativos para nosso estudo. Diz a pesquisadora:

*(...) um dos autores obrigatoriamente citado quando se trata de analisar as chamadas relações afro-brasileiras no país, é também o estranho caso de um pensador famoso cuja obra é praticamente desconhecida de grande parte dos pesquisadores brasileiros, e quase inacessível a eles, não só aos que se interessam por essas relações como também àqueles que se interessam pela história do sanitarismo, da saúde pública, dos códigos civil e penal, ou pela história da loucura no nosso país (CORRÊA, 2006: 60-62).*

Preocupado com as manifestações coletivas de “religiosidade mórbida” que irromperam na virada do século, Nina tinha em mente múltiplos projetos de pesquisa, muitos dos quais nunca foram concretizados. A reunião de seus trabalhos sobre coletividades humanas envolvidas em algum tipo de acesso psicopatológico foi um deles - o que só se tornou uma realidade pelas mãos de Arthur Ramos. Nina estava interessado especialmente nas histerias populares, nos fanatismos religiosos, nas

exaltações delirantes, fenômenos que forneciam material para pensar as estruturas do país, os alicerces da nação, enfim, refletir sobre “as nossas coisas”.

Ana Maria Galdini Raimundo Oda foi uma das poucas que escreveu algumas linhas sobre os estudos do pesquisador maranhense relacionados à psicologia coletiva. Em sua tese, por exemplo, ela aponta para o fato dele criticar autores estrangeiros que não davam o devido valor da *influencia da loucura* no funcionamento das multidões, revelando a intensa familiaridade do médico com a literatura especializada da época. Ao analisar um texto de Nina sobre uma epidemia histórica que ocorreu em Salvador, em 1882, Oda ressalta que, diferentemente da maioria dos médicos de sua época, ele deu uma contribuição deveras original ao caso, pois foi o único que formulou a pergunta-chave para o entendimento daquele fenômeno: “como manifestações históricas individuais teriam se propagado desta maneira, que condições haviam permitido que se tornassem coletivas ou epidêmicas?” (ODA, 2003: 280-301).

### OS MENEURS, OS MENÉS E O “ESTADO DE MULTIDÃO”

Nina Rodrigues produziu três estudos de singular importância para o campo da psicologia das massas no Brasil. O primeiro é relativo a uma epidemia coletiva que ocorreu em Itapagipe, subúrbio de Salvador, em 1882, classificada como um surto de coreomania (RODRIGUES, 1890). O segundo se refere aos eventos extraordinários e violentos que ocorreram na localidade de Pedra Bonita, na Comarca de Flores, interior de Pernambuco, entre 1836 e 1838 (RODRIGUES, 1901). E o terceiro é um extenso trabalho sobre Antônio Conselheiro e loucura religiosa de Canudos (RODRIGUES, 1897). Os três trabalhos fazem parte da coleção de textos de Nina reunidos por Arthur Ramos no livro *As coletividades anormais*, em 1939 e reimpressa em 2006.

Em comum, os três fenômenos envolveram coletividades em algum tipo de furor religioso, apresentando sintomas de histeria e delírios mórbidos. Nestes trabalhos é possível identificar, por um lado, uma coletividade enferma, envolvida em algum tipo de manifestação marcada por um componente religioso, e por outro, uma figura

individual, um personagem que precipita e estimula, direta ou indiretamente, o “delírio” coletivo. No caso de Canudos, Antônio Conselheiro é o Bom Jesus, homem de poderes especiais e redentores e em Pedra Bonita, João Santos e, depois, João Ferreira, são os profetas que anunciam a chegada do reino de D. Sebastião. Vale notar que mesmo quando tal não ocorre – na epidemia coreomânica de Itapagipe essa figura aglutinadora não é identificada – há uma preocupação dos autores em pontuar a falta dessa informação essencial e, conseqüentemente, o possível comprometimento do diagnóstico.

Esse posicionamento tem alguma explicação no conjunto de leituras que Nina Rodrigues teve acesso ao estudar o tema da loucura das multidões. Seu trabalho o levou a considerar as relações intrincadas entre o individual e o coletivo ou, de acordo com o vernáculo científico da época, entre o *meneur* e os *menés*, entre o *íncubo* e os *súcubos*, entre o *ativo* e os *passivos*. O forçou a refletir sobre as formas como as atitudes e ações da massa em furor moldam e são moldadas pelos traços individuais, particulares, deste ou daquele considerado “profeta”, “messias”, etc. No indivíduo, diz Nina, “as fronteiras da loucura são facilmente transpostas pela violência das paixões e das emoções” e nos atos praticados pela multidão, “descobre-se também uma influência decididamente patológica” (RODRIGUES, 2006: 58).

A partir de variadas obras que adquiriu aqui e no exterior foi possível para Nina estabelecer alguns padrões de comportamento dessas coletividades. Ele parte da obra clássica *La folie à deux ou folie commune*, de **Charles Lasègue** e **Jules Falret**, que descreve a chamada “loucura a dois”. Esta seria a forma “embrionária por excelência das manifestações em massa”, um tipo de empreendimento conjunto simples, típico, exemplar e, portanto, de fácil demonstração. Nina viu na parceria entre dois indivíduos que partilham a mesma moléstia mental (ou fragmentos dela), o primeiro degrau de um fenômeno progressivo cujo resultado, respeitadas certas condicionantes, é a loucura coletiva (LASÈGUE e FALRET, 1877: 321-355).

Havia uma suspeita de que a associação entre alienados era uma realidade, sobretudo entre indivíduos atingidos pela paranoia persecutória ou religiosa que

“chegam a exercer sua influência sugestiva em outros alienados, induzindo-os a empreendimentos comuns” (RODRIGUES, 2006: 60). À época havia provas incontestáveis de que “a loucura é capaz de se comunicar, não somente de alienado a são, mas também de alienado a alienado” (RODRIGUES, 2006: 60). Esta última forma de associação, embora rara, “chamada no estrangeiro de loucura transformada ou induzida” foi observada por **Evariste Jean Bruno Marandon de Montyel** na França e por outros especialistas de renome da área da psicologia na América do Norte, na Inglaterra e na Alemanha (MONTYEL, 1880; Idem, 1894).

Segundo Nina, havia uma corrente da psicologia coletiva, capitaneada por **Gabriel Tarde** e **Scipio Sighele**, que não reconhecia a capacidade de associação dos alienados, “considerando o isolamento em que eles vivem como a característica da loucura” (RODRIGUES, 2006: 59). Para Sighele, o louco tem por caráter específico não se unir a outrem, permanecendo perdido em seus sonhos, distanciado e separado do mundo e “se a atmosfera que o rodeia tem poder de determinar nele sensações, estas não são nunca de natureza a produzir uma relação duradoura qualquer com outras pessoas” (SIGHELE, 1897).

Esta vertente considera que uma situação em que os loucos unem-se uns aos outros para atingirem mais facilmente um fim, “é uma ação que lhes é desconhecida”. A não-associação é tão constante e absoluta que constitui, isso sim, “uma das regras mais seguras para distinguir o louco (...) do criminoso nato, do louco moral, que, ao contrário, se associa facilmente com seus companheiros.” Sighele, portanto, acredita na premissa de que na chamada “loucura a dois” há no máximo o contágio de um “delírio qualquer que não conduz os alienados a uma ação comum” (SIGHELE, 1897). O que vale é a expressão cunhada por Tarde: “a loucura é, em essência, o isolante da alma” (TARDE, 1890).

Nina repudia veementemente esta constatação: “toda a literatura psiquiátrica protesta altamente contra este erro”. A significação dada por Sighele à impossibilidade de associação entre alienados, inversamente ao que ocorre com o par suicida e o par criminoso, por exemplo, “é por consequência inadmissível”. (RODRIGUES, 2006: 60)

Assim sendo, não haveria razão para se levar em consideração qualquer regra que admita apenas o estado de isolamento dos loucos e sua incapacidade de empreendimentos em comum.

Mas se os loucos são capazes de se associar entre si, seria possível que também o fizessem com pessoas consideradas sãs? A resposta a esta pergunta-chave poderia solucionar, quem sabe, as principais questões que envolvem multidões em acesso psicopatológico. Nina vai demonstrar que considera inteiramente possível este tipo de vínculo, essencial para a formação das coletividades. Nina é favorável à tese de que um ou mais indivíduos de caráter pacífico, fraco e receptivo, podem ser facilmente influenciados e manipulados por agentes alienadores.

Uma pessoa, no controle de suas faculdades mentais, mas sujeita ao contágio através de um parceiro louco, denunciaria uma situação de loucura imposta. Neste caso específico, portanto, Nina sustenta a tese “largamente desenvolvida” de que os *súcubos*, isto é, os receptores passivos, ao contrário dos *íncubos*, os indutores ativos, “não são verdadeiros alienados”, pois parecem não haver “transposto os limites da loucura”, ainda que não apresentem um estado mental inteiramente normal para os padrões da época (RODRIGUES, 2006: 74). As duas principais formas de loucura a dois que abordamos até o momento (entre alienados e, agora, entre alienado e são), inserem-se, assim, no seguinte quadro, elaborado por Nina:

- 1º Entre dois indivíduos sãos e normais; é a *coppia sana*, o par são de Sighele;
- 2º Entre dois indivíduos sãos, porém anormais; é o par criminoso, o par suicida, etc.;
- 3º Entre o alienado que tem aparências de razão e o indivíduo são, mas de inteligência limitada, que se torna apenas um convencido;
- 4º Entre o indivíduo alienado e o indivíduo são, mas predisposto e que se torna alienado;
- 5º Enfim, entre dois alienados.



Nina afirma que imediatamente após a loucura a dois estão os casos de *contágio doméstico ou familiar*, onde um delírio pode alcançar mais de cinco pessoas. Segundo os critérios de Lasegue e Falret, há descrições de casos classificados como *folie à trois*, *à quatre* e até *folie en famille*. No entanto, Nina aponta que dependendo do tamanho do grupo, é possível atestar uma situação endêmica, mas que conservaria, ainda, as características principais da loucura a dois “pois que a natureza da herança mental leva a crer tratar-se de indivíduos atingidos da mesma predisposição mórbida” (RODRIGUES, 2006: 74).

A partir daí, há um estágio superior a este, mais complexo, que envolve situações epidêmicas de pequena escala, assim definido pelo autor:

*É o que representa as pequenas epidemias que explodem nas corporações religiosas, nos claustros, onde a aparente lucidez das pessoas atingidas pelo contágio alterna com francas manifestações de histeria, o que põe fora de dúvida a natureza mórbida dos acidentes. As condições de meio, a vida em comum, onde o espírito místico é continuamente alimentado pelas práticas religiosas de todos os dias, desenvolvem aqui, no mais alto grau, as predisposições nervosas dos reclusos, representando a neurose, assim preparada, os laços que no contágio doméstico eram representados por uma herança vesânica similar (RODRIGUES, 2006: 76).*

Desses surtos menores de “claustros” e “corporações” religiosas há um salto para as grandes epidemias de loucura que comportariam um volume muito superior de pessoas envolvidas. Note que no quadro montado até o momento, a partir do delírio a dois há o estabelecimento de um vínculo entre uma dupla que progride para um contágio doméstico ou familiar. Com a existência de um meio fértil em práticas religiosas e misticismo descontrolado, observa-se a ocorrência de epidemias localizadas. Os grandes fenômenos de massa são resultado da progressiva evolução desses surtos circunscritos dado que “pela sua composição reproduzem rigorosamente as grandes loucuras coletivas” (RODRIGUES, 2006: 77).

Porém, condição necessária para a explosão destas últimas é a conformação do *estado de multidão*, termo cunhado por Nina a partir da obra de **Gustave Le Bon**. Com Le Bon a palavra *multidão* adquiriu significação particular nos novos estudos de

psicologia coletiva (LE BON, 1896). Tornou-se, fundamentalmente, um termo genérico para identificar agrupamentos humanos homogêneos e heterogêneos. Não se trata, como talvez pense o senso comum, de uma simples reunião de pessoas. Nina Rodrigues afirma:

*A multidão é, sobretudo, uma associação psicológica. É na aquisição de uma individualidade psíquica própria, diferente da constituição mental de cada uma das partes componentes, que reside a característica da multidão. Nela desaparecem as diferenças, as desigualdades, as individualidades, para a formação de uma unidade psicológica onde domina o caráter inconstante e impulsivo dos primitivos (RODRIGUES, 2006: 62).*

Para o estudioso maranhense, foi em referência a um estado mental agudo das coletividades que se estabeleceu o uso do termo multidão, “e que se poderia chamar de preferência *estado de multidão*”. Esta condição especial devia manifestar-se com frequência nos povos primitivos, caracterizada por uma “exaltação passional coletiva onde desaparece o controle da vida cerebral, e com ele, a personalidade consciente e o discernimento”, define Nina (RODRIGUES, 2006: 62 e 63).

Para a consolidação deste estado mental coletivo, uma preparação prévia da multidão seja por *causas distantes*, ligadas, sobretudo, à herança étnica e racial, seja por *causas próximas*, como uma excitação passional do momento, tal como define Le Bon, se faz necessário. E nada mais poderoso e sugestivo do que uma poderosa causa próxima, capaz de explorar certas condições sentimentais e psicológicas do momento, como um “hábil *meneur*, advogado de talento, orador consumado”. Diz Nina:

*O meneur não é mais, em suma, do que uma poderosa causa próxima, quer seja o catequizante, o verdadeiro chefe, o diretor ostensivo da multidão, quer seja o diretor inconsciente representado pelos mais exaltados e conseqüentemente pelos mais sensíveis às sugestões ambientes anônimas (RODRIGUES, 2006: 64).*

O testemunho do Dr. Paul Garnier no terceiro Congresso de Antropologia Criminal, reunido em Bruxelas em 1893, parece confirmar as suspeitas de Nina sobre a participação ativa de alienados no comando e direção de ajuntamentos tumultuosos – o que leva a suspeita de que fossem capazes de estabelecer algum tipo de comunicação



com pessoas sãs. Chamado a examinar certo numero de indivíduos que desempenharam papéis preponderantes em levantes ou insurreições, diz Garnier, citado por Nina:

*Não foi sem alguma surpresa que verifiquei obedecer a multidão a verdadeiros insensatos que, mais tarde, vão acabar num asilo de alienados, visto que, tendo voltado a calma aos espíritos, sua exaltação explode denunciando-se muito facilmente. Um acontecimento que provoca uma emoção profunda numa nação é como o toque de corneta que reúne apressadamente o exército dos desequilibrados. São os mais excitados dentre eles – muitas vezes verdadeiros delirantes – que vão fascinar a multidão por seus propósitos inflamados, e ei-los ali à cabeça do movimento (GARNIER, 1893: 377).*

Para Nina é importante atentar para o desequilíbrio mental que se produz “freqüentemente nos meneurs de multidões” que, nas palavras de Le Bon, se recrutam “entre esses neurosados, esses excitados, esses semiloucos que rondam as bordas da loucura” (LE BON, 1896:105). Através dessa figura única que resume em si características tão especiais, Nina tem por meta aprofundar o papel da verdadeira loucura “em um grande número de epidemias psíquicas”. O distinguido professor maranhense, entretanto, deixa claro que não pretende tratar de temas já abordados pela bibliografia científica que trata das grandes revoluções políticas e sociais e sim, limitar-se “aos campos onde se exerce a clínica mental”.

Seria mesmo possível, pergunta-se Nina, que o *estado de multidão*, gerado a partir das atitudes e ações desses *meneurs*, “provoque uma manifestação de loucura transitória entre indivíduos normais predispostos por seu temperamento?”. De acordo com suas leituras, a violência das paixões humanas pode provocar um verdadeiro “estado delirante transitório”, durante o qual a pessoa perde todo e qualquer discernimento e consciência de seus atos. Em sua opinião, àquela altura, psicólogos e alienistas estariam de acordo em “reconhecerem a facilidade com que as emoções violentas se transformam em verdadeiros estados mórbidos” (RODRIGUES, 2006: 68).

O estudioso **Richard von Krafft-Ebing** estudou com “cuidado especial” as loucuras transitórias e segundo Nina, suas análises assegurariam que os processos emotivos podem atingir uma intensidade fora do normal, exigindo um tempo

considerável para desaparecerem por completo. São, portanto, emoções essencialmente patológicas, onde as reações motoras dos indivíduos deixam de ter o caráter de atos voluntários. Nas palavras de Krafft-Ebing, não se trataria rigorosamente de “emoções”, mas de um “distúrbio mental transitório provocado pelo choque emotivo” (KRAFFT-EBING, 1897), uma patologia que poderia durar horas ou até dias, como também constatou **Antoine Ritti** (RITTI, 1880).

Nesta perspectiva, a multidão, quando arrastada pela sugestão do chefe e dominada por alguma forma de loucura, embora transitória, é capaz de cometer ações inconsequentes, reproduzindo a paixão mórbida, o delírio de que estava também possuído o *meneur*, “da mesma sorte que o hipnotizador comunica ao seu paciente os sentimentos que o animam” (RODRIGUES, 2006: 96). A comunicação, em geral, é satisfatoriamente estabelecida pela emoção e a transmissão operada por gestos, palavras e atitudes “audaciosas”.

Cabe apontar com acuidade, como diz Nina, que o que impele os *menés* a todo tipo de exageros não é unicamente essa paixão pura e simplesmente. Mas sim, “a transformação que ela sofreu no meio incandescente onde se agitava a multidão, cuja cólera se transformou em um verdadeiro estado delirante” (RODRIGUES, 2006: 96). **Théodule Armand Ribot** certa vez escreveu que a cólera quando não produz mal para o indivíduo, nem para os outros, é algo normal e até útil, já que proveria o homem de algum instinto de defesa e de represálias contra inimigos. No entanto, é preciso reconhecer, diz Ribot, que “o campo da cólera normal é muito restrito e nenhuma outra emoção se torna mais rapidamente mórbida” (RIBOT, 1895). Com base nessas assertivas, diz Nina:

*Compreende-se assim que a intensidade das emoções, exagerada pelo crescimento das aglomerações e pela repercussão sugestiva dos sentimentos que dominam a multidão, e que se produz nos meneurs, seja suficiente para transformar a cólera dos chefes de multidão em um estado francamente patológico (RODRIGUES, 2006: 69).*

Suprimido o que ele chama de “controle cerebral e consciente”, em situações de epidemias coletivas, produzem-se manifestações mórbidas entre os *menés* que correspondem a tipos variados de patologia. Chegado, então, ao cúmulo do delírio e da agitação, o *meneur*:

*(...) perde esse poder discricionário que o hipnotizador conserva sobre seu paciente, não exercendo mais do que o papel de simples diretor da multidão, papel que lhe pode ser retirado por uma circunstância fortuita pelo mais simples e mais insignificante acontecimento, contanto que no momento desejado ele esteja ou pareça estar de acordo com as tendências da multidão (RODRIGUES, 2006: 97).*

Nina Rodrigues aponta para o fato de que muitos médicos que se ocuparam do estudo de fenômenos coletivos afirmaram que a *loucura das multidões* pode tomar variadas formas: delírio de perseguição, delírio de grandezas, delírio sistematizado, entre outros. Dito de outra forma, o termo *loucura das multidões* representa senão um desenvolvimento colossal, descomunal, desproporcionado, de simples episódios de delírios vesânicos gerais ou até, como foi o caso de Canudos e Pedra Bonita, de *delírios sistematizados* “cuja curta duração e cuja intensidade lhe deram um tal caráter de acuidade que, em rigor, devem ser comparados às condições clínicas das loucuras gerais” (RODRIGUES, 2006: 97).

No arraial de Antônio Conselheiro e no sangrento episódio de Pedra Bonita, foram detectadas algumas características já consolidadas como a ascensão de um doente sobre um grupo de indivíduos saudáveis, o compartilhamento de concepções delirantes e distúrbios sensoriais, a verossimilhança do delírio sistematizado. O estado de multidão robustece o poder contagiante dessas características singulares, das loucuras facilmente transmissíveis, em que não apenas loucos e predispostos são atingidos, mas pessoas sãs também, tendo em vista que, nestes casos específicos, a predisposição “estende-se sobre a grande maioria” (RODRIGUES, 2006: 98).

Mas o que isso quer dizer? O avanço dos estudos na área de psicologia coletiva e saúde pública podem oferecer pistas. Se antes, acreditava-se que apenas a predisposição hereditária favorecesse o contágio da loucura coletiva, mais tarde foi-se obrigado a

ampliar esses limites. Incluíam-se, agora, nas causas gerais de formação da predisposição, causas de esgotamento orgânico, doenças as mais variadas, intoxicações por álcool e outras drogas, miséria e mendicância, vícios e exageros de toda sorte. Consideração especial é voltada para preocupações, emoções e paixões religiosas consideradas, no mínimo, doentias e mentalmente inadequadas.

Nina é contundente:

*Todos os indivíduos entrincheirados em Canudos, submetidos a um regime de esgotamento pela fome e mesmo pela miséria, viveram a princípio durante um tempo prolongado, mantidos sistematicamente em um estado de exaltação religiosa, e transformados depois em defensores alucinados da fé, para chegarem a uma luta à mão armada: eram predispostos. Foi assim também que se criou e desenvolveu a mais acentuada predisposição naqueles próprios que no reino de Pedra Bonita, no Estado de Pernambuco, não a trouxeram do berço; e compreende-se também como, nesta seita já tomada de um delírio religioso bem sistematizado, pôde se desencadear, de um momento para o outro, um estado de multidão mórbida, que terminou por uma horrível hecatombe (RODRIGUES, 2006: 99).*

## BIBLIOGRAFIA

CORRÊA, Mariza. *As ilusões da liberdade: a escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil*. Bragança Paulista: Edusf, 1998.

\_\_\_\_\_. Os livros esquecidos de Nina Rodrigues. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, n. 76, 2006, suplemento 2, p. 60-62.

GARNIER, Paul. *Actes du troisième Congrès international d'anthropologie criminelle*. Bruxelas, 1893.

KRAFFT-EBING, Richard von. *Traité clinique de psychiatrie*. Paris: Maloine, 1897.

LASÈGUE, Charles e FALRET, Jules. La folie à deux ou folie communiquée. *Annales Médico-Psychologiques*, n. 18, p. 321-355, 1877.

LE BON, Gustavo. *Psychologie des foules*. Paris, 1896.

MONTYEL, Evariste Jean Bruno Marandon de. Contribution à l'étude de la folie à deux. *Annales Médico-Psychologiques*, janvier, 1880.

\_\_\_\_\_. De l'imitation dans ses rapports avec la folie communiquée. *L' Encéphale*, 1882;  
Idem. Des conditions de la contagion morbide. *Annales Médico-Psychologiques*, mars, 1894.

ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. *Alienação mental e raça: a psicopatologia comparada dos negros e mestiços brasileiros na obra de Raimundo Nina Rodrigues*. 2003, 458 f. Tese (Doutorado em Ciências Médicas) – Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, 2003.

PEREIRA, Mario Eduardo Costa. A loucura como fenômeno transindividual: sobre a folie-à-deux, segundo Lasègue e Falret. *Revista Latinoamericana Psicopatologia Fundamental*, ano IX, n. 4 dezembro de 2006.

RIBOT, Théodule Armand. *La psychologie des sentiments*. Paris: F. Alcan, 1896.

RITTI, Antoine. Folie transitorie à la suite d'une violente émotion morale. *Annales Médico-Psychologiques*, mars, 1880.

RODRIGUES, Nina (org.). Abasia coreiforme epidêmica no norte do Brasil. In: 3º *Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia*, Salvador, outubro de 1890.

\_\_\_\_\_. A loucura epidêmica de Canudos: Antônio Conselheiro e os jagunços. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, Ano III, tomo XII, fasc. 69, 1897.

\_\_\_\_\_. La folie des foules. Epidémie de folie religieuse. *Annales medico psychologiques*, Paris, 1901.

\_\_\_\_\_. *As coletividades anormais*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2006.

SIGHELE, Scipio. *La coppia criminale: psicologia degli amori morbosi*. Turim: Torino Fratelli Bocca Editori, 1897.

TARDE, Gabriel. *La philosophie pénale*. Lyon: A. Storck, 1890 (Bibliothèque de criminologie).